

Ortega y Gasset, uma filosofia da educação para um mundo tecnicista

José Maurício de Carvalho¹

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz²

Resumo: Neste artigo estudam-se os pontos fundamentais de uma filosofia da educação segundo o filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Mostra-se que, mesmo sem se ocupar especificamente de uma filosofia para a educação, toda a filosofia orteguiana tem por objetivo educar o homem capacitando-o a enfrentar os problemas de seu tempo. Para o filósofo espanhol, uma boa educação não pode deixar de olhar para o futuro e assegurar uma formação ampla do educando. Somente assim é possível superar os problemas do homem-massa e da crise de cultura que ele identifica no ocidente. Para superar tais problemas e enfrentar a crise de cultura, ele propõe uma educação ampla e humanista, a única capaz de preparar o jovem para o futuro. Adicionalmente, se mostra que a proposta de reforma do ensino secundário no Brasil, recentemente aprovada, segue a tendência e ratifica os aspectos pedagógicos que o filósofo esperava combater: a tecnologia separada da tradição humanista do ocidente e a especialização bárbara, entendida como a formação do especialista distanciada da visão ampla da cultura.

Palavras Chaves: Educação - Filosofia - Tecnologia - Humanismo - Especialização

1 Considerações iniciais

O filósofo espanhol José Ortega y Gasset foi um atento intérprete do seu tempo. Como pensador, acompanhava as múltiplas filosofias elaboradas para compreendê-lo, procurando contribuir para explicar os dias que viveu. Nesse sentido considerava imprescindível uma filosofia que avaliasse os produtos da cultura, entre os quais a educação. Embora não tenha criado uma típica filosofia da educação, sua compreensão da cultura reuniu ideias fundamentais sobre o tema que parecem essenciais para entender o nosso tempo e suas dificuldades: a especialização desvinculada da compreensão geral da cultura e da excelência.

Essas ideias predominam na reforma do Ensino Médio conduzida pelo governo brasileiro, pautada justamente na especialização inculta e no ensino técnico desvinculado da tradição humanista do ocidente e dos seus fundamentos éticos. São esses últimos, como demonstra Ortega y Gasset, que pelo compromisso com a excelência sustentam o desenvolvimento da técnica no horizonte da cultura.

O papel desempenhado pela técnica no mundo moderno, sua importância crescente para a cultura ocidental foi examinada em *Meditación de la técnica* e a especialização inculta

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho, mestre em Filosofia e graduado em Pedagogia, Filosofia e Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Professor aposentado da Universidade Federal de São João Del Rei e professor do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves.

² Graduado em Filosofia e mestrando em educação pela Universidade Federal de São João del-Rei, com bolsa da CAPES.

dela derivada foi tema de *Misión de la Universidad*, texto no qual o filósofo elaborou um programa educativo de alto nível para enfrentar os problemas da sociedade de massas, devidamente caracterizada por ele em outro texto importante: *La rebelión de las masas*. E como é o homem-massa que emerge no horizonte da história? Ortega responde no livro mencionado. Resumidamente é um especialista que nada conhece do restante da cultura, por isso Ortega o qualifica como um novo bárbaro. Além disso, ele se comporta como criança mimada e senhorio satisfeito. Criança mimada porque tem diante dos olhos uma complexa e rica produção tecnológica e científica, mas não percebe o esforço necessário para criá-la e mantê-la. Ele julga que a cultura se resume a reproduzir algumas técnicas que já estão prontas e disponíveis para seu uso e conforto. Ele vê indústrias funcionando, utiliza seus produtos, viaja pelas estradas e viadutos, passeia pelas ruas e avenidas, usa o computador ou o telefone celular e julga que tudo isto está aí no mundo para ser por ele utilizado surgiu sem qualquer empenho. É como se toda produção cultural brotasse espontaneamente do chão, como brota o capim num campo umedecido pela chuva e aquecido pelo sol. Não que as coisas surjam sem trabalho, mas, para o homem-massa, o trabalho já está pronto, já se sabe tudo o que deve ser feito, sendo necessário apenas transmitir o conhecimento obtido entre as gerações. Ele se beneficia dos bens da cultura, mas desconhece o quanto é difícil desenvolver uma nova técnica ou outro produto cultural quando a vida muda e exige novas respostas.

O homem-massa também se assemelha a um senhorio satisfeito porque vive a ilusão de que pode fazer tudo, que não há limite para seus desejos e foi liberado seu gozo irrestrito e irresponsável. Acredita que tudo lhe é permitido e lhe é devido, enfim é um sujeito de direitos sem deveres. Estas características mostram o perfil do novo bárbaro, um técnico formado, um profissional que se especializou, mas que é um completo ignorante de tudo o mais que integra a cultura, de como ela nasceu, é produzida e se sustenta.

A identificação das características de uma época centrada na especialização profissional e no domínio da técnica não podia, na avaliação de Ortega, prescindir de uma filosofia da educação capaz de situar adequadamente essas características no movimento geral da cultura. Entre os problemas do último século estavam a infantilidade do homem-massa, um bárbaro especialista que conhecia os problemas de um pequeno campo do conhecimento, mas desconhecia solenemente todos os demais aspectos da realidade. E, apesar de ignorante, não se eximia de opinar sobre tudo e desejava decidir sobre os destinos da sociedade. Além disso, esse bárbaro especialista não se dava conta de que a sobrevivência da humanidade dependia da entrega e esforço de cada um na realização de suas tarefas e esse comprometimento não viria

nem do simples conhecimento da técnica, nem do conhecimento limitado de um pequeno campo da ciência. Ortega não condena a inevitável especialização profissional, mas explica que ela não pode se dar fora de uma educação que contemple os aspectos fundamentais da cultura.

A singularidade desse tempo foi acentuada nas últimas décadas, pois a técnica não deixou de ser importante, ao contrário, tornou-se ainda mais com a mundialização do processo produtivo e a globalização dos mercados. O homem contemporâneo manteve as características identificadas por Ortega e se tornou ainda um consumista radical e um hedonista ansioso. **1** De tal modo consolidou-se a ciência moderna e a técnica a ela associada que seu extraordinário progresso ficou dissonante de outras áreas da vida, como a ética, as crenças e o belo. Assim, é fundamental uma filosofia que pense esse nosso tempo e compreenda o estilo de vida que ele popularizou e os seus limites. Nesse sentido, uma filosofia que pense a educação e esclareça o papel dela na vida da sociedade é fundamental. Entende-se, nesse artigo, que as reflexões de Ortega sobre a cultura e a educação constituem uma crítica ainda válida para a sociedade atual. Ela será capaz de apontar os limites e caminhos para esse nosso tempo.

2 Lei 13.415 de 17 de fevereiro de 2017

No segundo semestre de 2016, o governo Michel Temer propôs uma série de medidas com caráter reformista. Três delas provocaram discussões, críticas e protestos: a que instituiu o Novo Regime Fiscal (PEC 55) através do estabelecimento de um teto para os gastos públicos, a que visa a reforma da Previdência Social (PEC 287) e a conhecida como “Reforma do Ensino Médio” (MP 746, sancionada lei 13.415 em 16 de fevereiro de 2017) embora trate também de aspectos do ensino fundamental. Vamos centrar nossa atenção nesta última, que se refere à mudanças no Ensino Médio. Vejamos, em resumo, o que a lei propõe, destacando principalmente o que nos parece sua função principal, ou seja, alterar os artigos 35-A e 36 da LDB (Lei 9.394/96).

No geral, essa proposta de reforma do Ensino Médio altera a carga mínima anual, que deverá ser gradualmente aumentada de 800 horas para 1.400 horas anuais, o que implicará diretamente na criação do ensino em tempo integral; define também a obrigatoriedade da língua inglesa a partir do sexto ano, bem como práticas obrigatórias de educação física, arte, sociologia e filosofia; acrescenta ao artigo 44 da LDB o reconhecimento de profissionais do ensino com “notório saber” em áreas afins à sua formação; por fim, trata do fomento e apoio financeiro às instituições que tenham se adaptado à nova lei através de dois quesitos: a) a oferta de educação em tempo integral e b) a adequação de seu PPP (Projeto Político-Pedagógico) à nova forma de

organização curricular. É exatamente esta nova organização, cujo conteúdo deve ser, segundo a Lei, organizado pela BNCC (Base Nacional Curricular Comum), que comentaremos a seguir. Como deverá se organizar essa base curricular a partir da Lei 13.415/17?

Segundo o texto oficial, a nova proposta de organização do Ensino Médio deve ocorrer em cinco diferentes áreas, as quatro primeiras já observadas na organização do ENEM:

- I - linguagens e suas tecnologias;
- II - matemática e suas tecnologias;
- III - ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - ciências humanas e sociais aplicadas;
- V - formação técnica e profissional.

Isso nos leva a concluir, já que a redação da Lei não é clara neste sentido, que o jovem estudante do Ensino Médio poderá escolher, no momento inicial de sua caminhada, pelo menos uma destas áreas para se “especializar” em detrimento de outras que “abandonaria” por não serem de seu interesse. Assim, seria possível estudar conteúdos de ciências humanas, sem conhecer aspectos fundamentais das ciências da natureza, ou estudar uma dessas áreas sem se ocupar da linguagem ou das matemáticas. Enfim, trata-se de trazer do nível superior para o nível médio a especialização que ordinariamente só se obtinha ali. A propaganda televisiva do Governo Federal afirma esse modo de funcionamento. Percebe-se, ainda, que é dada ao jovem a possibilidade de escolher, dentre as áreas oferecidas, o item V, “formação técnica e profissional”, que permitirá que ele desenvolva competências necessárias para atuar no mercado de trabalho assim que termine o Ensino Médio. Segundo a redação da Lei, essa preparação técnica ocorreria com base em dois aspectos presentes no artigo 4º, parágrafo 6º: I) “a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional” e II) “possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade”.

Para o jovem que optar pela “formação técnica e profissional”, este mesmo artigo, no parágrafo 11, prevê formas de avaliação específicas, como demonstrações práticas de aptidão técnica, relatos de trabalho supervisionado dentro ou fora do ambiente escolar, ou o oferecimento de cursos, presenciais ou a distância, por outras instituições de ensino reconhecidas.

Essa síntese da lei que regula o Ensino Médio mostra que, apesar de aspectos positivos como a busca do ensino em tempo integral, a direção proposta é aquela que Ortega y Gasset entendia ser a raiz da crise de cultura então instalada: a *barbarie da especialização*, ou o estudo de um pequeno campo da cultura abandonando todo o restante e o *tecnicismo inculto*, a aprendizagem de técnicas laborais desvinculadas dos aspectos teóricos e éticos que sustentam o desenvolvimento da própria técnica e o lugar que ela ocupa na cultura. Essa especialização inculta ocorria na Universidade e Ortega desejou combatê-la. Estamos em pior situação porque a proposta é trazer essas limitações para o Ensino Médio. Aprofundemos as posições orteguianas para explicar os riscos dessa reforma.

3 O bárbaro especialista

No capítulo XII de *La rebelión de las masas* (1930), intitulado *La barbarie del "especialismo"*, Ortega examina um dos aspectos definidores do homem-massa. Para ele, o atual estágio da técnica nasce da junção do capitalismo com a ciência experimental, combinação que se consolida no século XIX. Esse é um caso inédito na história, pois a técnica sempre esteve presente na vida do homem, mas é somente com o desenvolvimento da ciência moderna que ela passa a lhe fornecer esse fundamento, acenando para a possibilidade de um progresso ilimitado da técnica. Assim a técnica associada à ciência, na avaliação de Ortega y Gasset, promoveu o aumento da população europeia, o surgimento de uma sociedade de massas constituída de bárbaros especialistas. Para o autor (ORTEGA Y GASSET, 1994 a, p. 442).

[...] o homem de ciência atual é o protótipo do homem-massa. E não por causalidade, nem por defeito unipessoal de cada homem de ciência, senão porque a ciência mesma – raiz da civilização – o converte automaticamente em homem-massa; quer dizer, faz dele um primitivo, um bárbaro moderno.

Para o filósofo, o trabalho científico promoveu a especialização. Com isso o homem de ciência foi perdendo contato com a “interpretação integral do universo” (idem, p. 443), isto é, com tudo o que se encontra além do seu estreito campo de especialização. A especialização faz com que o procedimento científico se despreocupe do sentido maior da descoberta e atenha-se ao método, à técnica. Como essa leitura, Ortega y Gasset diz que a ciência é feita assim, por homens despreocupados da excelência: não são sábios, nem ignorantes; formam uma categoria intermediária, o sábio-ignorante. Essa qualificação intelectual faz o homem de ciência desconhecer instâncias superiores, mesmo em áreas diversas da sua. E como ele se liga a uma técnica afasta-se do que o compromete com a excelência. Por isso se tornam primitivos e

bárbaros. O problema identificado pelo filósofo é prejudicial para o próprio fazer científico, pois, já que o especialista desconhece a fisiologia interna da ciência e ignora as condições históricas de seu desenvolvimento, ele se torna incapaz de fazê-la progredir. A conclusão orteguiana é de que o especialista inculto é um perigo para a ciência e para a cultura.

4 Considerações de Ortega sobre a técnica

O livro *Meditación de la técnica* (1939), nasceu de um curso universitário ministrado por Ortega y Gasset dois anos antes. Ortega avança questões postas em *La rebelión de las masas* refletindo sobre a técnica. Ele retorna aos tempos em que o homem era guiado quase só pelo instinto, para afirmar que o ser humano, diferentemente do animal, quando a natureza não lhe oferece as condições para sobreviver – alimentação e abrigo, por exemplo – busca modificar seu entorno (“circunstância”) para ter melhores condições de vida. Nesse sentido, o homem, não se conforma com o que o meio lhe oferece, pois ainda que suas necessidades estivessem satisfeitas, haveria ainda muitos outros desafios por viver, coisas que o homem cria para delas se ocupar. E quando as necessidades persistem o homem é o único capaz de ignorá-las temporariamente para tratar de outros assuntos que, para ele, parecem mais urgentes.

Ora, é justamente esse movimento de modificação do entorno, que é parte da circunstância, que ele usa para criar algo que não existe ou não mais existe. Essa atividade é a técnica, ou melhor, um conjunto de atos técnicos que cria um mundo artificial. Diz o filósofo: “é, pois, a técnica a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza” (ORTEGA Y GASSET, 1994 g, p. 324). Isso leva Ortega a concluir que ao homem não basta o necessário, outras coisas também lhe parecem essenciais. Isso significa que o ser humano não pode apenas *estar*, tem que igualmente *bem-estar*, em outras palavras, ele necessita ser feliz. De modo que à definição anterior de técnica é acrescentada a ideia de produção do supérfluo, uma sobrenatureza de coisas supérfluas que, paradoxalmente, para o homem se tornam as mais essenciais. Desse modo, percebemos que, para Ortega, a técnica é criada para mudar a natureza, no sentido de que vai contra ela, ao mesmo tempo que a amplia.

Com esse entendimento, Ortega passa a comentar o perigo do tecnicismo, que é uma valorização indevida da técnica. Eis como o diz: “não se fale, pois, da técnica como da única coisa positiva, a única realidade irremovível do homem. Isso é uma estupidez, e quanto mais cegos estejam por ela os técnicos, mais provável é que a técnica atual venha ao chão e periclite” (idem, p. 332). Isso não quer dizer que Ortega esteja dizendo que esse modo exclusivamente

humano de agir diante da natureza seja inadequado. Para ele, “o homem começa quando começa a técnica” (idem, p. 342). Sua crítica, no entanto, se volta para o que há na técnica de incultura, quer dizer, na deturpação da ação humana conduzida por um bárbaro especializado. No livro *La rebelión de las masas*, Ortega já comentara sobre o homem do seu tempo como alguém que sabe cada vez mais de cada vez menos a respeito do mundo; que não está à altura de seu tempo; que não está atento ao chamado de seu núcleo insubornável.

Essa desatenção aos apelos íntimos, que significa viver para e por outras coisas, é o mesmo problema que Ortega já comentara antes em *España invertebrada* e que, mais tarde, chamará de “inautenticidade”. Logo no prólogo da segunda edição desse livro lemos que “a Europa padece de uma extenuação em sua faculdade de desejar” (ORTEGA Y GASSET, 1994 h, p. 41). O autêntico desejo, para Ortega, é aquele que movimenta o homem, que o faz buscar a própria realização. Com a exacerbação da técnica, o homem sente-se incapaz de desejar autenticamente, pois está limitado ao conhecimento de uma técnica, ignorando o que se passa em seu íntimo e no mundo. Por isso, diz ele em *Meditación de la técnica*, “[...] a fabulosa potencialidade de nossa técnica parece como se não nos servisse de nada” (ORTEGA Y GASSET, 1994 g, p. 344), pois, completa ele logo adiante, “[...] o homem atual não sabe o que ser, lhe falta imaginação para inventar o argumento de sua própria vida” (ibidem). Isso conduz à conclusão de que é impossível a existência de uma tecnocracia, pois, “por definição, o técnico não pode mandar, dirigir em última instância. Seu papel é magnífico, venerável, mas irremediavelmente de segundo plano” (idem, p. 345). Ao dar toda atenção à especialização profissional – o técnico ignora tudo além da sua formação, mesmo à condução da própria vida. Sua vida fica muito limitada.

Esse comportamento do técnico ocorre no último estágio de desenvolvimento histórico da técnica. Ortega reconhece três deles (idem, p. 360): a técnica praticada pelos homens primitivos e desenvolvida por acaso; a técnica do artesão, que sabe ser capaz de produzir e que se utiliza da técnica como suplemento da vida, e a técnica do técnico, que não assume a tarefa de criar a técnica, mas se torna o suplemento da máquina que a produz. Ortega explica que nos primeiros estágios de desenvolvimento da técnica, o homem ocupa o primeiro plano, sendo, ao mesmo tempo, idealizador e realizador. No terceiro, contudo, ele passa a ter função secundária, separa-se quem idealiza o processo e quem o executa. Outra diferença, talvez a principal, é que nos primeiros estágios, o homem se sabia um ser limitado e utilizava a técnica para suprir esta limitação; já no último, o homem acredita que tudo pode devido à técnica que domina.

Qual é o problema que decorre desse último estágio? A perda de identidade, explica o filósofo. O técnico de hoje, “[...] não sabe já quem é – por que ao achar-se, em princípio, capaz de ser todo o imaginável, já não sabe que é o que efetivamente é” (idem, p. 366) e que “[...] posto a viver de fé na técnica e só nela, se lhe esvazia a vida” (ibidem). Ortega entendia viver numa época intensamente técnica e vazia, daí profetizar: “um dos temas que nos próximos anos se debaterá com maior brio é o do sentido, vantagem, danos e limites da técnica” (Idem, p. 315). Ora, esta discussão retoma o que ele anunciara em *La rebelión de las masas*, pois o técnico atual se adequa à definição de uma das facetas do homem-massa: o primitivismo. Por crescer em um ambiente no qual a técnica é quase onipresente, ele acredita que seus resultados são tão naturais quanto o ar que respira e a grama que nasce entre as pedras, isto é, que nasce sem nenhum esforço da parte dos homens.

Por fim, Ortega tece uma – atualíssima – crítica ao tecnicismo, à valorização do método, ou melhor, da técnica em detrimento do objetivo a ser alcançado, da inovação e da excelência. Quando o homem age assim, ele ignora as outras dimensões do trabalho técnico e que estão além da técnica. O especialismo é o que Ortega criticava desde a publicação de *La rebelión de las masas*. A mensagem continua a mesma: ao agir assim, o homem ignora tudo o que compõe o mundo, torna-se inculto, um novo bárbaro. Assim, dificilmente cultivará valores ligados ao esforço e terá compromisso com a excelência.

5 A educação como resposta à crise do tecnicismo inculto e do vazio de excelência

O tempo das massas é um tempo de crise, sobre isso não há dúvida, explica o filósofo na abertura do livro *La rebelión de las masas*:

Há um fato que, para o bem ou para o mal, é o mais importante na vida pública europeia da hora presente. Esse fato é o advento das massas ao pleno poderio social. Como as massas, por definição, não devem nem podem dirigir sua própria existência, e menos dirigir a sociedade, quer dizer que a Europa sofre agora a mais grave crise que a povos, nações, culturas cabe padecer (ORTEGA Y GASSET, 1994^a, p 143).

O homem-massa é o exemplar de uma época de transição entre o homem moderno e um novo homem que ainda não se estabeleceu de todo. Esse tempo é um período onde se perde o compromisso com a excelência como se resume em *Introdução à Filosofia da Razão Vital de Ortega y Gasset*: “Para Ortega, houve, em todo esse período, um gradual ataque aos valores mais altos da cultura, pois as massas não os vivenciam com ardor. Elas não se entusiasмам com o esforço contínuo e persistente” (CARVALHO, 2002, p. 414). E a educação que ele propõe para esse tempo de transição composto por massas incultas não é uma que forme um

técnico ignorante ou um bárbaro especialista, mas um homem culto, capaz de entender o mundo e seus problemas e que tenha valores e compromisso com a excelência. Todo processo educacional que se comprometa com valores de excelência precisa fazer mais que reproduzir a técnica.

A filosofia orteguiana destaca a preocupação com a excelência que orientou a formação do homem nos períodos mais esplendorosos da humanidade. É essa atenção à excelência, o compromisso com valores, a marca do pensamento pedagógico do filósofo. Especialmente os estudos da primeira fase **2** destacam a necessidade do esforço dirigido para um fim. A questão da excelência, para pensadores próximos da fenomenologia existencial, **3** liga-se ao problema da autenticidade. Em Ortega y Gasset também se passa assim. O assunto se mostra no raciovitalismo orteguiano em dois núcleos temáticos. O primeiro é a fidelidade a si mesmo, base do projeto vital que deve orientar as escolhas de todo homem. Ortega y Gasset o apresenta no ensaio *Ensimismamiento y Alteración*:

La posibilidad de meditar, de recogerse dentro de sí mismo para ponerse consigo mismo de acuerdo y precisasse qui es lo que cree y qué es lo que no cree, lo que de verdad estima y lo que de verdad detesta. La alteración le obnubila, le ciega, le obliga a actuar mecánicamente en un frenético sonambulismo (ORTEGA Y GASSET, 1994b, p. 299).

O segundo é o esforço para não se perder de si mesmo, para não desprezar a própria vocação, como foi resumido no artigo *Ortega y Gasset e a vida autêntica*:

Ortega y Gasset considera este estar en sí como aspecto esencial de la vida humana, actuar conscientemente para mantenerse fiel a sí mismo, no confundirse cuanto a lo que cree importante, sino al contrario, poner luces en las creencias, no alejarse de su proyecto, pero resignificarlo, profundizarlo, mejorarlo, redefinirlo si es necesario. El hombre solo se queda seguro de sí cuando es fiel a su vocación. Contra los intentos de ser lo que no es, aclara el filósofo, en la segunda parte de *España Invertebrada*, en la fórmula de Píndaro: "Volvamos la espalda a las éticas mágicas y quedémonos con la única aceptable, que hace veintiséis siglos resumió Píndaro en su ilustre imperativo llega a ser lo que eres" (CARVALHO, 2014, p. 110).

Tanto a construção de si como a vocação precisam considerar a presença do outro. Esse outro eu que está diante de mim e é parte de minha circunstância ajuda a compreender o que significo como eu para os outros eus com quem convivo. Ser pessoa significa conviver com os outros eus numa relação de respeito e consideração.

A discussão sobre a vocação coloca em evidência a necessidade de que algo seja importante para mim para que eu a ela me dedique. E assim chegamos a um ponto importante: as criações culturais importantes não nascem sem grande empenho, como comenta o filósofo

no artigo *Sobre el estudiar y el estudiante*. Nele Ortega esclarece que as verdades contidas nas disciplinas e ciências “foram encontradas por um homem e logo repensadas e reencontradas por outros que somaram seu esforço ao do primeiro” (ORTEGA Y GASSET, 1994c, p. 546). E aí temos um grande problema, pois o homem que faz ciência, que desenvolve uma nova técnica precisa estar completamente dedicado a tais tarefas. O estudante comum não terá o mesmo empenho que o cientista ou o criador da técnica, pois os conteúdos curriculares que ele precisa aprender parecem-lhe aborrecidos já que não nascem de suas exigências. O problema descrito pela ciência foi um desafio para o cientista, emenda o filósofo: “que a sente autêntica e tem sincera necessidade dela” (Idem, p. 549). Porém, para o estudante não é tarefa vital. Sendo assim, seria possível pensar um sistema de ensino que oferecesse o mínimo ao estudante que não tem vocação para ser cientista ou tecnólogo? Ortega pensa exatamente o oposto já que ser estudante significa: “ver-se obrigado a interessar-se diretamente pelo que não lhe interessa” (Idem, p. 550). Nesse sentido, o estudante é uma falsificação do homem autêntico e não terá sucesso simplesmente tentando reproduzir algo que para outro foi vital, mas que para ele é aborrecido. E os conteúdos da ciência e da técnica somente começarão a interessar ao estudante se ele conhecer as razões da atividade científica. Para que o estudante possa ter sucesso em sua vida escolar ele precisa conhecer a importância da ciência e do seu significado social antes de começar a aprender seus conteúdos. Precisa também conhecer um pouco a cultura onde nasce a ciência. E nela, mesmo sem ser desafio vital o jovem terá que estudar, pois é crescente o número de informações que a ciência continuamente acrescenta. Conclui o filósofo: “ensinar não é primária e fundamentalmente senão ensinar a necessidade de uma ciência, e não ensinar a ciência cuja necessidade seja impossível de fazer sentir ao estudante” (Idem, p. 554). Portanto, um ensino puramente técnico não será capaz de comprometer o aluno com o desenvolvimento da técnica e da ciência, quando muito aprenderá procedimentos que utilizará em seu trabalho, mas que o desqualifica para viver em sociedade. Um comentário de Margarida Amoedo sobre o propósito educativo de Ortega vem bem a calhar:

Daí que ensinar uma ciência tenha como requisito prévio a necessidade desta, não sendo tal necessidade característica do estudante, este terá primeiro de a aprender; e esta aprendizagem, por sua vez, só será bem-sucedida se o estudante passar, não a fingir ou a aceitar, mas a sentir intrinsecamente a necessidade dessa ciência. Então, assim, aprenderá algo e, entregando-se ao saber por motivação própria, cultivá-lo-á com a autonomia que distingue o estudioso do estudante vulgar (AMOEDO, 2002, p. 577).

E para assegurar o sucesso da aprendizagem, além de estar consciente do desafio representado pela ciência, o estudante deverá atentar à própria vocação que no livro *Entorno a*

Galileo se expressa, no capítulo VII, pela coincidência entre o que se faz e o que se é. A vida do homem-massa é inautêntica, justamente por que está afastada de si mesmo. Uma sociedade de homens-massa é uma coletividade que se comporta como criança. Diz o filósofo:

A vida de cada um é a única coisa para cada indivíduo é realidade radical [...]. Cada qual tem, queira ou não, que justificar para si mesmo seu emprego. Se faz isso e não aquilo é por algo. Não vale supor que se dedicar a uma ocupação intelectual não necessita justificação, porém o necessita dedicar-se ao jogo de xadrez e a embriaguez. Não é pura arbitrariedade (ORTEGA Y GASSET, 1994e, p. 83).

Num pequeno ensaio intitulado *Sobre las carreras*, publicado no jornal *La Nación*, em setembro-outubro de 1934, Ortega y Gasset distingue as carreiras, entendida como ocupação profissional, daquelas outras formas de ocupação na qual o homem está vitalmente comprometido com aquilo que faz. Ele afirma: “notem vocês a distinção entre as carreiras e a vida, a vida que há que escolher é a vida de cada um, portanto, uma linha ou perfil individualíssimo de existência” (ORTEGA Y GASSET, 1994 e, p. 169). Para Cícero, a escolha profissional precisava estar em perfeita harmonia com o que se é, portanto, a carreira é uma trajetória singular, uma atuação única. Com o tempo as carreiras foram se padronizando como forma comum de ocupação, uma atuação padronizada, uma profissão. As duas coisas se separaram, chegando em nossos dias à ideia de que a profissão é algo que permite ganhar dinheiro sem conexão com a vida íntima de quem a exerce ou com um vínculo superficial com ela. Ora, o que Ortega espera resgatar é o sentido original que as carreiras tinham para Sêneca na Roma antiga, algo que envolvia completamente o indivíduo, não se restringindo à responder às necessidades da sociedade.

Para superar a vida inautêntica, ou a vida como ocupação pouco fiel de si mesmo, era necessário aprender a pensar. Esse é o maior desafio do estudante. Isso é o que deve ocupar mais o estudante do que a aprendizagem de uma técnica ou a recolha de informações, que, num mundo com cada vez mais conhecimento disponível e de fácil acesso, não qualifica ninguém para nada. Por isso, o projeto educacional do filósofo espanhol parece hoje em dia ainda mais atual, pois se a informação está ao alcance de todos na rede mundial dos computadores, o que distingue as pessoas é saber trabalhar a informação disponível para que ela possa, cada vez mais, responder aos novos desafios que surgem no horizonte da história.

A qualificação e formação desejada por Ortega necessitava da consciência dos elementos formadores da cultura para o que o conhecimento da história do ocidente era fundamental. **4** Ortega esperava incrementar justo aquele tipo de conhecimento que a recente reforma do Ensino Médio pretendeu retirar. Avalia Ortega que no estudo da história da cultura se

encontram as melhores chances de alcançar uma educação ampla. Diz o filósofo em *Miseria y Esplendor de la Traducción*: “a educação histórica, a qual não consiste em saber a lista dos reis e descrição das batalhas, e a estatística dos preços e o valor da jornada de trabalho neste e no outro século, senão que requer uma viagem ao estrangeiro, que é outro tempo muito remoto e outra civilização” (ORTEGA Y GASSET, 1994f, p. 449).

A meditação sobre a história da cultura é o que está na base de uma educação para o futuro, para o preparo do estudante que, mesmo não estando capacitado para resolver uma questão concreta e imediata dos dias atuais, pode estar muitíssimo habilitado a enfrentar os problemas que o presente e o futuro trouxeram, como lembra Amoedo no texto que se segue:

Por paradoxal que se julgue, os indivíduos que não são expressamente preparados para responder a certos problemas concretos, que hoje em dia se configuram, pode ser os melhor preparados para os grandes desafios do presente e do futuro que, não sendo passíveis de uma solução pré-determinada, exigem, sim uma base sólida de conhecimentos, e também de atitudes e valores menos sujeitos às contingências temporais (AMOEDO, 2002, p. 595).

Por essa preocupação com a identidade cultural do ocidente, Ortega propôs em *Misión de la Universidad* a construção de um Instituto de Cultura que tornasse culto o universitário. Na formação do aluno de nível médio, o Instituto de Humanidades cumpriria essa função apresentando ao estudante uma síntese das disciplinas que examinam a realidade do homem. Esse desafio parecia-lhe mais gritante nos Estados Unidos que na Europa, já que no país das Américas a ênfase nas ciências naturais era maior que no velho continente. Por isso, Ortega foi convidado a preparar em Aspen uma escola que realizasse seu projeto cultural em terras norte americanas.

Ao levar adiante seu projeto o filósofo colocou-se em confronto com os behavioristas e tecnólogos americanos, pois queria não apenas a construção do saber técnico e comportamentos observáveis, mas aprofundar a contraposição entre cultura e natureza, problema que o filósofo brasileiro Tobias Barreto antecipara no século XIX. Essa questão ganhou força na Alemanha nas primeiras décadas do século XX quando Ortega esteve lá estudando.

6 Considerações finais

A crítica orteguiana ao tecnicismo inculto e ao especialismo bárbaro mostram-se de extrema atualidade. São importantes como alerta ao ocidente, especialmente ao Brasil. A reforma do Ensino Médio aprovada recentemente pelo governo brasileiro, calcada numa

espécie de tecnicismo, parece fadada a perder de vista a consciência da técnica e as exigências morais de sua criação e manutenção.

Por sua vez, um grupo de pessoas com visão ampla da cultura terá o desafio de enfrentar, mais cedo do que pensam, as posições dos tecnólogos incultos. **5** E o problema consiste em que a crise de cultura nasceu não do insucesso da ciência, mas de seu resultado extraordinário no entendimento e controle da natureza. O problema é que um tecnólogo inculto não garante a continuidade do desenvolvimento da ciência. Também não significa que esteja preparado para viver comprometido com valores fundamentais do ocidente e com a excelência pessoal que orienta a vida ocidental desde os gregos.

A reflexão crítica de Ortega sobre os limites de uma educação pautada na barbárie do especialismo e no tecnicismo inculto revelam, portanto, extraordinária atualidade. Essa atualidade se mostra quando se tem em conta a proposta de reforma do Ensino Médio brasileiro que ratificou os procedimentos que Ortega identificou na cultura há mais de cinquenta anos quando identificou esses elementos como as marcas do homem-massa que estava se multiplicando no século passado. Esse, por sua vez, estava na raiz da crise de cultura que o filósofo examinou em seus múltiplos trabalhos, alguns dos quais aqui examinados.

Notas

1 No livro *Ética*, especialmente no capítulo VIII, esse novo homem-massa foi estudado de forma detalhada, o texto que se segue nos dá uma ideia dele (Carvalho, 2010, p. 163-4): “Esta é a circunstância em que vive o homem-massa de nossos dias. Ele não apenas foge do esforço, do empenho para mudar as coisas, do esforço para a auto-realização, não é apenas o medíocre pretensioso como o caracterizava Ortega y Gasset. Ele se tornou o consumista compulsivo, sorvendo tudo o que dá prazer imediato porque teme a falta de sustentação do crescimento econômico e a emergência de dificuldades econômicas que reduzam o enriquecimento global. Esse homem mantém relacionamentos humanos superficiais porque é consciente das mudanças da vida e se ocupa pouco de aprofundar seu entendimento das coisas e de suas possibilidades, pois visa apenas o lucro rápido ou prazer imediato. Assume e radicaliza o egoísmo hedonista presente no liberalismo desde John Locke, “mas esquece os limites ao consumo, luxo e esbanjamento impostos pela ética protestante e que no fundo, também estavam inseridos na proposta de Locke” (p. 32). É que o capitalismo favorece o enriquecimento e o consumo, mas também estimula a poupança e planejamento dos gastos. Este segundo aspecto não é facilmente aprendido pelas massas de nosso tempo, além de exigir uma liderança moral que ela não reconhece e não se dispõe a imitar. O consumo de bens materiais alcança níveis inimagináveis para nossos avós e sua fruição é buscada por puro prazer. O homem-massa quer consumir o mais que conseguir, o mais rapidamente possível e de forma crescente em todo o mundo, fato que foi observado por Sébastien Charles no artigo *Da pós-modernidade a hipermodernidade*”

2 Os estudos contemporâneos sobre a obra orteguiana estabelecem duas navegações, ou duas fases quando se trata de considerar a evolução intelectual de Ortega y Gasset. No estudo do livro *La idea de principio en Leibniz*, Jaime Salas menciona (2003, p. 15): “um segundo período do pensamento orteguiano que começa em 1932” para distinguir dos trabalhos da primeira etapa que se iniciam em 1914 com *Meditaciones del Quijote*.

3 Javier San Martín Sala adotou como ponto fundamental de investigação entender em que medida Ortega y Gasset é um fenomenólogo, uma vez que no Prólogo para os Alemães, Ortega se apresentou como crítico da fenomenologia. Ele mostra de forma clara que Ortega está muito próximo dos textos de Husserl da segunda fase no seu principal trabalho da segunda fase de seu pensamento. Diz o comentarista (2007, p. 22): “Refiro-me à diferença na crítica de Ortega à fenomenologia no Prólogo para Alemães e em *La idea de principio en Leibniz*, que passou despercebida, porém que encerra profundo significado”. Em toda essa comunicação e no livro *Fenomenologia y Cultura en Ortega* (Madrid, Tecnos, 1998), o autor mostra claramente as afinidades do pensamento orteguiano com a segunda fase do pensamento de Husserl, ficando cabalmente esclarecida a questão.

4 No extenso capítulo que dedicou à Ortega y Gasset em seu livro *História da Filosofia*, Julian Marías explica a importância da história da cultura na filosofia da razão vital do mestre espanhol, incluindo a noção de geração como o espaço de tempo por volta de quinze anos para frente e para trás de uma determinada data onde prevalecem crenças, ideias, usos e problemas. Comenta Marías (2004, p. 511): “o indivíduo humano não estreia a humanidade. Desde o começo encontra em sua circunstância outros homens e a sociedade que entre eles se produz. É por isso que sua humanidade, a que nele começa a se desenvolver, parte de outra que já se desenvolveu e chegou a sua culminação, em suma, acumula a sua humanidade um modo de ser homem já forjado, que ele não tem que inventar, mas simplesmente instalar-se nele, partir dele para seu desenvolvimento individual”.

5 No artigo *Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva em La Rebelión de las Masas*, Maria Cristina Pascerini menciona a esperança de Ortega de vencer as limitações de uma sociedade de massas vencendo a lógica das massas ou da incultura (2001, p. 266): “Ortega, mais otimista que Dante, mantém a esperança no homem de sua época, e confia em que é possível resgatar a sociedade da crise que sofre por culpa do império das massas, se aceita novos projetos que lhe dêem vitalidade”.

6 No artigo *El papel de la Universidad contra la barbarie*, Margarida I. explica como seria necessário organizar um ensino para vencer as limitações do tecnicismo inculto. Ela escreveu (2001, p. 115): “Na frente das tarefas está o ensino das grandes disciplinas culturais, que deveriam integrar o currículo de todos os cursos e assegurar, como consequência, a todos os alunos o conhecimento atual da imagem física do mundo, da estrutura do funcionamento da sociedade, assim como o conhecimento do universo de uma perspectiva filosófica. Alimentadas, respectivamente, pela Física, Biologia, História, Sociologia, Filosofia, essas disciplinas básicas que fariam parte de uma Faculdade de Cultura”.

Referências

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial [da União]**, Brasília, DF, n. 35, 17 fev. 2017. Seção I, p. 1.

AMOEDO, Margarida I. Almeida. El papel de la Universidad contra la barbárie. **Revista de Estudios Orteguianos**. Madrid, Fundación Ortega y Gasset, 111-118, 2, 2001.

CARVALHO, José Mauricio de. **Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset**. Londrina, CEFIL, 2002.

_____. **Ética**. São João del-Rei, UFSJ, 2010. 240 p.

_____. Ortega y Gasset e a vida autêntica. **Haser, Revista Internacional de Filosofia Aplicada**. Sevilla, Universidad de Sevilla, 107-125, 5, 2014.

MARÍAS, Julian. **História da Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2004. 589 p.

ORTEGA Y GASSET, José. España Invertebrada. p. 37- 128. **Obras Completas**. v. III, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 h.

_____. La rebelión de las masas. p. 113-310, **Obras Completas**. v. IV, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 a.

_____. Sobre el estudiar y el estudiante. p. 545-554, **Obras Completas**. v. IV, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 c.

_____. Ensimismamiento y Alteración. p. 295-315, **Obras Completas**. v. V, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 b.

_____. Entorno a Galileo. p. 13-164, **Obras Completas**. v. V, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 d.

_____. Sobre las carreras. p. 167-183, **Obras Completas**. v. V, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 e.

_____. Miseria y esplendor de la traducción. p. 433-452, **Obras Completas**. v. V, 2. reimpresión, Alianza, Madrid, 1994 f.

_____. Meditación de la técnica. p. 317-375. **Obras Completas**. v. VI, 2. reimpresión, Madrid: Alianza, 1994 g.

PASCERINI, María Cristina. Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva en La rebelión de las masas. **Revista de Estudios Orteguianos**. Madrid, Fundación Ortega y Gasset, 265-272, 2, 2001.

SALA, Javier San Martín. Ortega como fenomenólogo. In: AMOEDO, M.I.A.; BARROS DIAS, J.M. e DELGADO, A.S. **José Ortega y Gasset: leituras críticas no cinquentenário da morte do autor**. p. 21-41, Évora, Universidade de Évora, 2007.

SALAS, J. e ÁLVARES, L.X. La última filosofía de Ortega y Gasset en torno a La idea de principio en Leibniz. Oviedo, Universidad de Oviedo, 2003. 321 p.

Ortega y Gasset, a philosophy of education for a thecnicist world

Abstract: In this paper, are studied the key points of a philosophy of education according with the Spanish philosopher José Ortega y Gasset. It is shown that, even without to care about a philosophy of education, all orteguian philosophy has like objective to educate the man empowering him to face the problems of your time. To the Spanish philosopher, a good education can't leave to look at the future and assure for the student a broad formation. Only this way is possible surpass the problems of mass-man and of the crisis of culture that he identifies in West. To surpass these problems and stare at the crisis of culture, he proposes a broad and humanista education, the only one capable of to prepare the youngster to the future. Additionally, it is shown that the propose of reform of high school in Brazil, recently approved, follow the tendence and ratifies the pedagogic aspects that the philosopher expected to combat: the technology separated of the West humanist tradition and the barbarian specialization, understood like the specialized formation distanced of a broad vision of culture.

Key-Words: Education – Philosophy – Technology – Humanism - Specialization